

ARTE RUPESTRE EM PORTUGAL

(ENTRE DOURO E VOUGA)

As insculpturas da serra de Cambra e de Sever
e a expansão das combinações circulares e espiralóides
no noroeste peninsular

POR

ALBERTO SOUTO

BIBLIOTECA

A observação geográfica da zona serrana da margem direita do Vouga, flanqueada por êste rio e pelos seus afluentes Teixeira e Caima, conduziu-me em 1929, 1930 e 1931 ao estudo da sua arqueologia pré-histórica.

Êste compartimento montanhoso do sul do Douro e do norte do Vouga, encontra-se quasi que inédito, não apenas por falta de vias de comunicação, como poderia dar-se em desculpa, mas de facto, por falta de observadores e estudiosos que o analisassem, como eu estranhei já em 1917 num artigo do jornal de Lisboa *A Capital*.

De uma maneira genérica, referiu-se-lhe, em 1922, na sua excelente monografia sôbre a Bacia do Vouga, o sr. dr. Aristides de Amorim Girão, já hoje ilustre geógrafo e professor da Universidade de Coimbra, que nas *Antiguidades Pre-históricas de Lafões*, publicadas em 1924, menciona os dois dolmens e algumas mamoadas da vertente leste da serra do Arestal, serra esta que se estende entre as vilas de Cambra e Sever do Vouga, constituindo como que um vasto e alto promontório, avançando do macisso da Gralheira sôbre as colinas de Albergaria-a-Velha e Oliveira de Azemeis, e formando, na verdade, com o seu planalto de

800 metros de altitude, um grande mirante que olha para a Ria e vigia o mar.

Tôda a serra, que orogénicamente se considera como pertencente ao sistema galaico-duriense, foi semeada de monumentos megalíticos e a cada passo se nos depara ainda no toponomástico, na tradição popular e nos vestígios prehistóricos, a prova de que desde os tempos neolíticos, pelo menos, os homens fizeram dela a sua morada e nela assentaram uma vasta necrópole.

Como não podia deixar de suceder, nesta montanha do extremo ocidental da meseta ibérica, os habitantes actuais dos pitorescos logarejos que se abrigam nos seus recôncavos e se estendem pelas suas faldas, tudo atribuem aos moiros.

É o mesmo que no resto de Portugal: dolmens, mamoadas, cercados, castros, redutos, tudo para o povo é obra da moirama que por ali deixou enterradas as suas riquezas, e pelas lombas, vales e penedias, conserva ainda, sob encantamento, as suas raparigas mais formosas, condenadas a guardarem os seus oiros sob as pedras solitárias.

A mesma monomania dos restos do domínio árabe, dos penedos mágicos e dos tezoiros ocultos, fornece o fundo folclórico das lendas da região que, neste ponto, apenas confirma a regra geral de um vasto ciclo de credices populares da velha Península.

Essas lendas, porém, servem-nos de guia no rebusco dos locais de monumentos e estações arqueológicas e foi, ainda, em grande parte, guiado por elas que eu descobri muitos dos vestígios prehistóricos desta zona montanhosa que — notemos — faz a transição do rebôrdo do macisso duriense para as extremidades ocidentais da meseta e para as terras baixas da orla marítima que, a 15 quilómetros de distância, pertencem já à faxa meso-cenozóica que, do norte de Aveiro para o sul, acompanha a costa portuguesa.

Por hoje apenas darei notícia das duas estações de arte rupestre que ali descobri, advertindo, porém, que elas se encontram na proximidade de numerosas necrópoles dolménicas, verificando-se, assim, o asserto de D. Juan Cabré quando afirmou que *é bastante freqüente haver enterramentos prehistóricos nas visinhanças dos sitios com arte rupestre estilizada.*

Porém a serra de Cambra e Sever não foi apenas um vasto cemitério.

Seis castros, três dos quais descobri, identifiquei e explorei, seis castros, pelo menos, conservam ainda no seu aro a memória irrefragável dos velhos habitantes.

Na campanha de 1929 impressionara-me o facto de sòmente se encontrarem os túmulos, abrigo das cinzas e morada dos mortos, e nem o mais leve vestígio da actividade habitual dos vivos que demoraram pela montanha.

Os anos de 1930 e 31 mostraram-me, nos castros que visitei, a verdade bem conhecida dos versos 195 e 196 do *Ora Marítima* de Avienus, de que

*Cempsi atque Saefes arduos colles habent
Ophiuse in agro...*

que para o caso da região, até aqui quasi que totalmente desconhecida e inexplorada, das cercanias do Arestal, se pode assim parafrasear:

Os povos lusitanos que habitaram a região montanhosa ocidental de entre Douro e Vouga, hoje pertencente aos concelhos de Vale de Cambra e Sever do Vouga, desde os tempos neolíticos até à segunda idade do ferro e até à conquista romana, habitavam em eminências fortificadas chamadas castros, como os outros povos do noroeste peninsular, ou aí se refugiavam quando atacados. Esses povos inhumavam alguns dos seus mortos em dolmens e mamoadas construídos nas chãs solitárias ou no sobranceiro

dos montes, e gravavam, nas pedras ao ar livre das encostas da serra, certos sinais cujo significado se não percebeu ainda, mas cuja importância salta aos olhos mais profanos e cuja relação com aqueles monumentos da vida e da morte dos povos primitivos é evidente e incontroversa.

*
* *
*

Os dois monumentos de arte rupestre a que me refiro, encontram-se ambos na vertente ocidental da serra, a mais de meia encosta, voltados para o céu, mas inclinados, um para o lado do mar, isto é, do ocaso; outro mais para o lado do sol nascente, se bem que quasi vertical.

Da primeira estação falei já no Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica de 1930. Do segundo achado trago hoje a esta douta sociedade a notícia circunstanciada.

Afastadas apenas uns 10 quilómetros, as duas estações algo diferem, como veremos, nos seus sinais dominantes.

Nos Fornos dos Moiros, concelho de Sever do Vouga, dominam a espiral, os círculos concêntricos e as còvinhas; no Outeiro dos Riscos, freguesia de Cepelos, concelho de Vale de Cambra, dominam as combinações circulares, não havendo nesta última nem espirais nem grupos de còvinhas.

*
* *
*

A grande pedra insculturada de Arestal acha-se num grupo de penedos chamado pelo povo *Fornos dos Moiros*, a 700 metros de altitude. (Est. I, 1).

Fornos dos Moiros é uma designação expressiva, mas nada original e muito genérica em arqueologia prehistórica peninsular, pois que outras estações prehistóricas de Portugal e Espanha teem designações semelhantes.

O que me parece pelo exame do grupo de penedos graníticos onde se encontra este curioso exemplar de arte rupestre, é que ali existiu uma caverna, o que me foi confirmado pela pessoa que me guiou até ao local, caverna essa que teria sido formada por uma saliência ainda reconhecível na rocha principal e pela disposição das pedras do aglomerado caótico proveniente da ejeção granitóide entre duas faxas de micaxisto.

A caverna foi destruída pelos pedreiros da vizinhança, tendo apenas escapado, por milagre, a pedra insculturada que mede cinco metros de comprimento por dois de largo, exposta ao poente e mais ou menos horizontal, no centro da sua face lavrada, mas de manifesta tendência ovolar, pois como quasi todos os granitos da serra está sujeita a uma esfoliação por camadas concêntricas. Se efectivamente se tratasse de um santuário, a situação era magnífica para impressionar os espíritos: passa-lhe na frente o sol até ao ocaso, e a vista do mar ao longe e das colinas e dos campos marginais do Vouga que lhe ficam abaixo, era sem dúvida sugestiva para invocar os deuses, fazer sacrifícios ou render louvores e dirigir imprecações aos poderes terríveis ou às forças criadoras!

*
* *
*

Os petroglifos dos *Fornos dos Moiros* da encosta arestalina, ocupam uma superfície de 4^m,50 por 1^m,50 e acham-se divididos em dois campos por um sulco longitudinal profundo que corre de norte para sul.

Vêm-se ali: (Est. I, 2, e est. II, 1).

côvinhas;
 círculos simples com côvinha central;
 círculos concêntricos duplos e triplos;
 círculos simples com apêndice radial;
 círculos múltiplos com apêndice radial;
 círculos simples com apêndice tangente;
 semicírculos e arcos de círculo;
 espirais destrorsum e sinistrorsum, formando báculo;
 um círculo com cruz interior;
 a chave;
 sulcos irregulares e traços mais ou menos geométricos;
 vários sinais de classificação embaraçosa.

A nova pedra insculturada do *Outeiro dos Riscos*, Cepelos, por baixo do lugar de Gatão, na serra de Cambra, ao norte do planalto do Arestal e próximo da nova estrada de Vale de Cambra a S. Pedro do Sul, à altitude talvez de 600 metros, aproximadamente, é muito menos complicada, apresentando sinais mais simples, mas nem por isso de mais fácil compreensão (Est. II, 2).

Uma particularidade apresenta, ao contrário dos outros exemplares conhecidos das margens do Vouga e do geral dos monumentos idênticos da arte rupestre galaico-portuguesa: é quasi vertical, ou tem uma inclinação forte sobre o plano horizontal.

Divide-se em três panos separados por fracturas naturais do bloco, sendo a parte central a mais importante, com três grupos de círculos concêntricos.

A primeira figura tem três círculos concêntricos e côvinha central.

O maior diâmetro é de 0^m,46 e os sulcos circulares separaram-se uns dos outros por 0^m,10, 0^m,7 e 0^m,5.

Um pouco abaixo outra figura contém cinco círculos com

côvinha central e 0^m,66 de grande diâmetro. É um dos maiores exemplares que conheço.

Em baixo quatro círculos concêntricos cortados por um raio que sai da côvinha central e termina no círculo exterior, tendo a figura 0^m,65 de diâmetro.

Entre estas três figuras e ao lado delas no pano central vêem-se mais:

uma figura composta de côvinha e círculo simples com 0^m,16 de diâmetro;

um círculo de 0^m,23 de diâmetro com dois diâmetros perpendiculares, formando cruz;

um círculo de 0^m,33 de diâmetro com duas côvinhas e uma cavidade, que no seu conjunto dá ideia de uma figuração antropomorfa e que por isso denominei de «cara»;

dois círculos concêntricos com côvinhas sendo de 0^m,41 o seu maior diâmetro;

um círculo de 0^m,37 de diâmetro com um diâmetro horizontal e cinco raios;

uma côvinha e círculo com 0^m,14 de diâmetro;

uma figura composta de côvinha central com dois círculos concêntricos. Na coroa circular compreendida entre os dois círculos concêntricos, vê-se uma corda geométrica e três semi-raios formando sectores.

No pano do lado do norte há uma inscultura: dois círculos concêntricos com cruz central e *fossette*, de 0^m,36 de maior diâmetro.

No pano do sul, há duas insculturas de círculos concêntricos, sendo a superior composta por três círculos dos quais o maior tem 0^m,32 de diâmetro e côvinha central; e o inferior por quatro círculos e côvinha e com o maior diâmetro de 0^m,32.

No fundo deste pano há uma côvinha e ao lado esquerdo do

observador voltado para o poente, uma figura de quatro rectas, sendo duas unidas em forma de V e duas, as das extremidades, sem ligação.

Este monumento do *Outeiro dos Riscos* difere do seu vizinho dos *Fornos dos Moiros*, como disse, por não apresentar a espiral nem qualquer sulco unindo os sinais e pela regularidade geométrica das suas figuras.

Mas aproxima-se dele pela presença dos círculos concêntricos que são aliás frequentes, como é sabido, na arte rupestre do noroeste da península ibérica, isto é, na Galiza e norte de Portugal.

Segundo o sr. dr. Rui Serpa Pinto há, em verdade, círculos concêntricos em S. Martinho, Monte da Saia, Santa Marta, Sabroso e Briteiros e na Galiza, como nos afirma o sr. Cuevillas, encontra-se em 14 localidades e ainda em Argos e Santa Tecla.

Dentro da bacia do Vouga, a que pertencem as duas estações por mim comunicadas, encontrou-os o sr. dr. Aristides de Amorim Girão, no lugar de Serrazes, norte do Vouga, estação rupestre da *Pedra da Escrita*, num prolongamento montanhoso das serranias do maciço da Gralheira que separa o Vouga do Douro e que a poente termina nas mencionadas serras de Cambra e de Sever.

Nas várias outras estações rupestres do sul do Vouga, mas da sua bacia hidrográfica, descritas pelo mesmo professor, não aparecem já os círculos concêntricos nem sinais parecidos com os do Arestal e Outeiro dos Riscos.

Parece, pois, que podemos considerar o rio Vouga como o limite sul dos círculos concêntricos, pois não há notícia, que eu conheça, desses sinais ao sul daquele rio e se para lá dêle existem, são de notável raridade, contrastando com a sua frequência nas estações do norte do Vouga.

O mesmo podemos afirmar da espiral.

Martins Sarmiento disse que a «célebre espiral e outros ornatos congêneres, que Salomão Reinach confronta com as gravuras dos dolmens e Unger com as gravuras dos rochedos das Ilhas Britânicas, são vulgares nos penedos e lajes dos nossos castros, dentro e fora das muralhas, e também se encontram junto de mamoadas perto dos castros» e aponta o exemplo de Sabroso onde a exploração das mamoadas, relacionada sem dúvida alguma com essa estação, produziu algumas pontas de sílex e machados de pedra.

E refere que Unger em 1870 considerou a espiral e os entrelaços um elemento nacional da ornamentação irlandesa, elemento esse que esteve muito em uso na época pagã entre os Celtas e os Germanos, formando a decoração quasi exclusiva da mobília sepulcral da idade do bronze.

«É preciso admitir, diz Unger, citado ainda pelo ilustre arqueólogo português, que a espiral é um ornamento próprio da raça indo-céltica e especialmente dos Celtas e Germanos, dos Pelasgos e dos Persas, e que este ornamento se conservou, principalmente, entre os povos cuja civilização se manteve num estado primitivo, restringindo-se o seu emprêgo a par e passo que os povos que a empregavam desenvolviam uma cultura mais elevada.

O sr. dr. José Fortes estudou *A espiral pré-histórica e outros sinais gravados em pedra*, no n.º 10 da «*Révue Préhistorique*», de Paris, em 1907, encontrando-se uma notícia desse estudo em o número 374 da «*Portugalia*», e conclui que a espiral, as curvas concêntricas e outros sinais gravados em pedras, se encontram tanto na velha Lusitânia, como na Irlanda; que na idade do bronze houve relações pré-históricas entre estas regiões; que estes sinais se introduziram na Irlanda pela via do litoral ibérico para o noroeste.

Os srs. Florentino Cuevillas e Bouza Brey, dizem-nos, porém, que as insculpturas em espiral são pouco frequentes em Portugal e Espanha, mas que aparecem em Trega, Eiró, Briteiros, Sabroso

e Freixo, que se encontram na Bretanha e na Irlanda, abundando no Mediterrâneo Oriental e nas cerâmicas neo e eneolíticas da Boémia, oeste da Alemanha, Transilvania e Ilha de Malta, tendo sido um dos elementos decorativos mais empregados na idade do bronze.

Como se vê da meticolosa nota bibliográfica do trabalho do sr. dr. Rui de Serpa Pinto, as combinações circulares são mais freqüentes do que as espirais em Portugal e na Galiza, aparecendo também na Bretanha, Irlanda, Escócia, Inglaterra e Scandinávia.

O que, pela comunicação que fiz ao Congresso Internacional de 1931 e pela notícia de hoje, se constata é que o nosso país possui mais duas estações de arte rupestre com gravuras em que entram os círculos concêntricos, acompanhados numa pelos círculos simples e círculos com raios e diâmetros, e que possui mais uma estação com a espiral, *detrorsa* e *sinistrorsa*, aliada aos círculos e a outros sinais, como a «chave», que, segundo informes do sr. dr. Santos Júnior, aparece também no dolmen de Zêdes e nas pinturas da Pala da Moura, em Vilarinho da Castanheira, de Carrazeda de Ansiães.

*

* *

A-pesar-de ter lido já que em La Guardia as crianças brincando, ainda hoje, com utensílios de pedra, conseguem produzir verdadeiras insculpturas nos rochedos da praia, acho muito difícil que os petroglifos dos *Fornos dos Moiros* do Arestal e do *Outeiro dos Riscos* da serra de Cambra tenham sido feitos com simples instrumentos líticos.

O granito em que se encontram é duríssimo e o escopro de aço bem temperado de que me servi para limpar as insculpturas só fortemente batido conseguia abrir sinais na superfície das rochas vizinhas.

Relacionando-se, como é lícito, estas gravuras rupestres com as necrópoles dolmênicas das proximidades, tudo leva a crer que pertençam à idade do bronze, como ensina o professor Obermaier.

De facto, à clássica presunção duma grande antiguidade dos dolmens, contrapõe-se hoje a tendência assinalada pelo professor sr. dr. Mendes Corrêa, para datar os mais antigos, da fase avançada ou final do neolítico, emquanto que a cultura dolmênica se prolongaria por todo o eneolítico até ao fim do primeiro período do bronze.

Que nos dizem a êste respeito os dolmens e as mamoadas da serra do Arestal e suas vizinhanças e até que ponto podem os achados arqueológicos dêsse compartimento montanhoso esclarecer o problema?

Vejamos: em primeiro lugar nunca se encontrou qualquer vestígio do paleolítico nesta região. Em segundo, tem aparecido machados de pedra polida, cinco até hoje por mim recolhidos, um machado chato de bronze, e restos cerâmicos nos castros, que provam a idade dos metais, mesmo a idade do ferro. Ora os machados de pedra encontrados nas mamoadas ou nas suas proximidades e mesmo perdidos na serra — um apareceu, por acabar, escondido entre penedos — e hoje recolhidos no museu arqueológico municipal de Aveiro que estou organizando, êsses machados de pedra polida não poderiam, em caso algum, gravar na pedra do Arestal ou na pedra de Cambra as insculpturas que lá se vêem.

A idade dos metais, pelo menos, parece-me, pois, confirmada pelos monumentos a que me estou referindo e ainda pelo aparecimento do machado chato de bronze nas proximidades do castro do Cabeço do Aro, a 3 quilómetros apenas dos Fornos dos Moiros; dum colar de ouro perto de Rocas, da idade do bronze, e dum vaso com ornatos mamilares em Sever, que não será anterior ao calcolítico e que eu recolhi no novo museu de Aveiro.

Tentar, por minha conta, a interpretação destas gravuras no

estado actual dos nossos conhecimentos sobre a arte rupestre, seria, por certo, fazer romance e esta Sociedade não é, positivamente, uma academia de romancistas.

Siret, com a sua grande autoridade, não logrou demonstrar duma maneira convincente, na sessão do Pôrto do Congresso de 1930, que a *espiral tenha sido a imagem da vida*, bela frase e sedutora presunção para a qual até hoje, que eu saiba, se não encontraram argumentos ou provas que a validem.

Alguns autores teem querido ver em petroglifos idênticos, sobretudo nos círculos e nas côvinhas, representações astronómicas.

Estudando as pictografias das grutas cordovezas (Argentina), Clemente Ricci atribuiu aos círculos, num estudo muito recente, um significado astronómico religioso, que será de admitir talvez no caso restricto que versou das pictografias argentinas.

Parece-me difícil, porém, descobrir no Arestal qualquer correlação das gravuras rupestres com o mapa das constelações visíveis no nosso hemisfério, nem tão pouco me parece plausível para os dois casos que estou comunicando a hipótese de se tratar de quaisquer representações esquemáticas da figura humana, nem mesmo de qualquer grau de evolução de representações coreográficas como o sr. Cabré propôs, plausivelmente, em outras hipóteses.

Quis o falecido arqueólogo espanhol, sr. Calvo y Sanches ver nuns sulcos das insculturas de S.^a Tecla o mapa do rio Minho.

Procurei qualquer semelhança entre os sulcos da pedra do Arestal e a representação gráfica dos rios da região e tive uma decepção completa, decepção que, confesso, senti também em S.^a Tecla, examinando o pretenso mapa insculpido na rocha da citânia.

A verdade é que nos escapa, por enquanto, o significado destas insculturas. Porém o que julgo mais de admitir é a hipó-

tese de se tratar duma simbólica religiosa e de pedras sagradas, lugares de devoção ou de alta magia, ou então, com menos probabilidade, de monumentos destinados a memorar alguns factos da vida dos povos prehistóricos das imediações da serra.

Ainda hoje, como todos sabem, os povos das encostas e dos vales das nossas montanhas conservam nos píncaros dos seus montes ou nas suas esplanadas, as capelitas votivas ou os santuários das suas grandes devoções. Lá estão perto a Senhora da Saúde de Cambra, a Senhora da Lage nos confins de Arouca, a Senhora do Socorro em Albergaria-a-Velha e a Senhora da Penha, do Espinheiro, de Sever.

Alto significado deviam ter estas pedras insculтурadas para assim se acharem perdidas e isoladas na serra entre tantas outras igualmente propícias ao exercício dessa arte rupestre cujas sucessivas descobertas veem preocupando e intrigando os cultores da prehistória!

Parece-me bem que se estas insculтурas fôsem mero produto da fantasia e do capricho de qualquer habitante da montanha, outros, no correr do tempo o seguiriam, exercendo, por imitação, nas rochas vizinhas, a sua paciente, trabalhosa e inútil arte.

A raridade das estações rupestres é um argumento a favor do carácter religioso ou monumental das suas insculтурas que exigiam já habilidade de desenho e técnica de execução, braço firme, ferramenta apropriada.

*

* *

Santuário ao ar livre, como Calvo y Sanches considerou o grupo de insculтурas de Santa Tecla, monumento de façanhas guerreiras ou de grandes acontecimentos prehistóricos, pedra de práticas mágicas e supersticiosas, tentativa de escrita por signos estilizados e convencionais na época, mesmo simples produto do

trabalho voluntário de artistas prehistóricos, em qualquer hipótese, quero eu crer que estes petroglifos são manifestações de uma cultura que acompanha a chamada cultura megalítica, se dela mesma não fêz parte durante algum tempo, cultura essa que para Obermaier é a da época mais recente da idade do bronze.

Essa cultura ter-se-ia difundido por migrações ou por contactos directos e parentescos étnicos ou pelas relações económicas, como pretende Bosch Gimpera, ou, por cópias e infiltrações, como pensa Obermaier, ou de *proche en proche* como supõe Déchelette, mas indubitavelmente segue, em certa altura, a civilização dos dolmens.

De facto verifica-se, como o sr. dr. Mendes Corrêa nota, que a civilização dolménica é uma civilização litoral e que mesmo na Península Ibérica os dolmens são mais frequentes na periferia do que no centro, devendo a sua difusão ter-se efectuado por via marítima.

Ora o âmbito geográfico da arte rupestre da espiral e dos círculos concêntricos no ocidente europeu, parece ser também apenas o litoral. No interior da Península não se encontram ou raríssimas vezes se encontram semelhantes insculpturas. D. Juan Cabré, por mim consultado em 1930, afirmou-me que tinha descoberto numerosos exemplares de gravuras rupestres no interior da Espanha, mas nunca a espiral, que constitui, salvo documentos em contrário que eu ignoro, uma particularidade manifesta do noroeste peninsular.

Examinando-se o mapa da arte rupestre do nosso país, publicado pelo sr. dr. Rui de Serpa Pinto, constata-se que as estações ao sul do Mondego são raras: umas seis apenas dispersas num território de área dupla da parte de Portugal ao norte do Mondego onde se contam já nada menos de quarenta.

Pois para o sul do Vouga não passam os círculos concêntricos nem a espiral.

Será um mero acaso?

Ninguém o dirá.

Gimpera considerou a divisória de águas entre o Douro e o Mondego, isto é, o vale do Vouga, como a linha de separação dos dois grupos de castros que êle chamou o do norte e do sul.

É possível que na arte rupestre se dê também a separação que aponto e mais relacionada com as causas que determinaram a diferenciação dos castros.

Creio ter havido um ciclo de cultura megalítica em que estes petroglifos traduziram um simbolismo especial adoptado pelos povos do noroeste e pelos da Bretanha e Irlanda, que no-la transmitiram, cultura essa que acompanhou a cultura dolménica talvez já no seu final, mas que caminhou em sentido contrário, isto é, do norte para o sul.

«Bosch Gimpera, diz o ilustre presidente desta Sociedade, nas suas sistematizações das culturas peninsulares preenche a lacuna entre o epipaleolítico e o neolítico avançado com o asturriense e a arte rupestre. Ficaria assim a arte rupestre a testemunhar a continuidade cultural entre as duas fases aludidas. Gravuras e pinturas em rochedos e em abrigos sob rochas, constituiriam os documentos de tão longa transição, estando assim, por descobrir outros vestígios da existência humana correspondentes sem dúvida a tão extenso período».

Mas, no entender do mesmo autorizado prehistoriador, estas dificuldades resultam sobretudo da evolução dos nossos conceitos sobre o neolítico puro, pois que êste foi consideravelmente encurtado.

É que, continua o mesmo professor, o mesolítico diminuiu-o, como também a cultura dos dolmens que se supunha ser puramente neolítica e é coeva das primeiras idades dos metais.

Esta sábia e sensata explicação pode harmonizar admiravelmente a dificuldade ressaltante do facto de se não encontrarem os

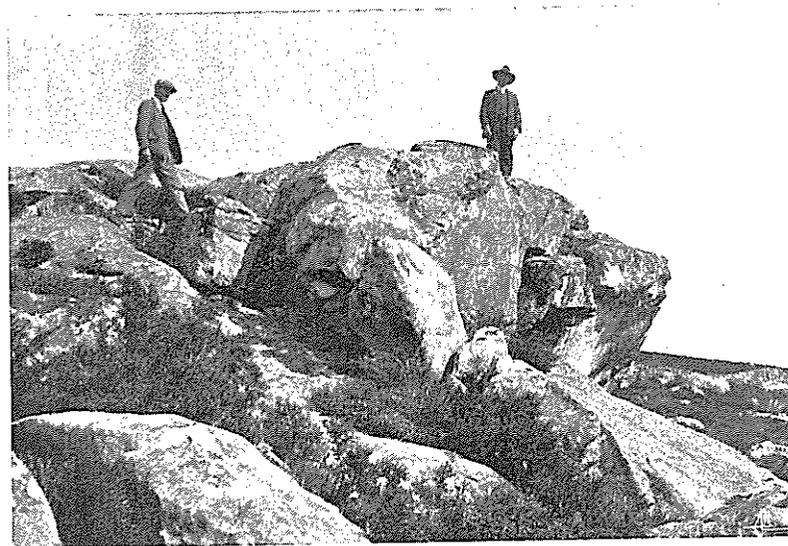
círculos nem as espirais ao sul do Vouga quando é certo que tais signos deviam acompanhar, com a arte rupestre, a cultura dos dolmens na sua expansão para o sul e interior de Portugal e de Espanha.

O ciclo rupestre dos círculos e das espirais podia ter chegado ao noroeste peninsular pelas influências marítimas da Bretanha e da Irlanda e vizinhança da Galiza, no declínio da cultura dos dolmens, em plena idade do bronze.

E assim com o têrmo dessa cultura e desuso das inhumações sob as antas e as mamoadas, teria morrido o simbolismo desses misteriosos signos, que não conseguiram passar o Vouga para o sul ou por caírem em desuso, ou por encontrarem na esquerda deste rio obstáculos étnicos ou culturais, assentes já ou vindos em invasões, que obstaram à sua expansão meridional.

As combinações circulares e espiralóides da arte rupestre, se é certo o que suponho, — que não se expandiram para o sul do Vouga e terminaram o seu âmbito geográfico nas margens norte deste rio, — podem constituir, assim, um novo e interessante argumento para provar as estreitas relações das populações do noroeste peninsular com as populações da Bretanha e da Irlanda, nos tempos do bronze, ou mesmo do bronze final, como pretende Obermaier.

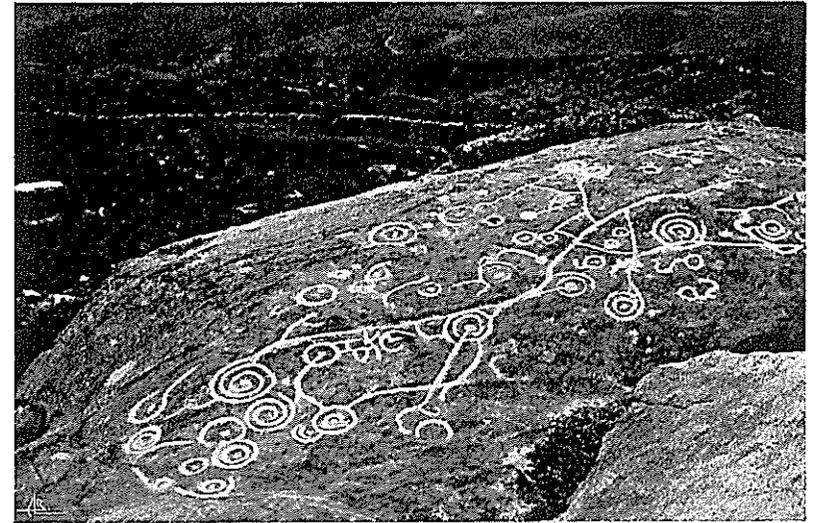
Assim outras descobertas viessem esclarecer o problema e melhores obreiros, verdadeiras autoridades, tomassem a peito a teoria que não tem originalidade porque resulta, apenas, da conjugação de afirmações e interpretações alheias e de um exame de factos que as duas estações rupestres das serras de Cambra e de Sever vieram, afinal, a revelar-nos.



1 — Aglomerado granítico dos Fornos dos Moiros visto do lado norte



2 — Insculpturas dos Fornos dos Moiros



1—Pedra insculturada dos Fornos dos Moiros



2—Outeiro dos Riscos (Cepelos)

(Foto do sr. dr. Armindo de Matos)